

# Sexualidade e Relações de Gênero 3

Solange Aparecida de Souza Monteiro  
(Organizadora)



**Solange Aparecida de Souza Monteiro**

(Organizadora)

# **Sexualidade e Relações de Gênero**

## **3**

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora  
Editora Executiva: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Antonella Carvalho de Oliveira  
Diagramação: Geraldo Alves  
Edição de Arte: Lorena Prestes  
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

#### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará



Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
S518	Sexualidade e relações de gênero 3 [recurso eletrônico] / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Sexualidade e Relações de Gênero; v. 3)  Formato: PDF Requisito de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-609-6 DOI 10.22533/at.ed.096190609  1. Identidade de gênero. 2. Sexualidade. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza. II. Série.  CDD 306.7
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

Talvez você já saiba o que são “relações de gênero”, talvez não. Para começarmos, é importante que saibamos do que estamos falando. A palavra “gênero” tem um uso muito variado. Em ambientes escolares, por exemplo, é comum que professores que trabalham com língua portuguesa falem de diferentes gêneros linguísticos ou textuais. Também falamos de gênero de música que gostamos; e, quando vamos ao cinema, escolhemos o gênero de filme que preferimos (comédia, drama, suspense, terror etc.). Aqui falaremos de outro conceito de gênero, mais especificamente trataremos de relações de gênero. palavra gênero designa as várias possibilidades construídas dentro de uma cultura específica de nos reconhecermos como homens ou mulheres. Assim, ser homem e mulher pode variar sensivelmente dependendo da época, do lugar e ainda dos valores sociais que norteiam as interações dos indivíduos numa dada sociedade. Falamos sempre de relações de gênero porque entendemos que a construção do feminino e do masculino acontece de forma relacionada e interdependente. É isso que vamos discutir. Nesse sentido, pensar como a condição juvenil também se expressa numa perspectiva de gênero, visto que os meninos e as meninas são interpelados a se afirmarem como homens e mulheres ao incorporarem atributos considerados masculinos ou femininos na cultura em que vivem. E isso tem tudo a ver com sexualidade e vivência das experiências sexuais. Papo que interessa muito aos jovens, não é mesmo?!

Em termos de políticas públicas, a partir da primeira década do século XXI, se intensificaram, em diversas áreas, iniciativas que contemplam o olhar dos direitos humanos e sexuais. Diante de tais iniciativas e outras conquistas da atuação do movimento civil, surge o discurso de tolerância e respeito às diversidades sexuais, que ganham cada vez mais visibilidade, em contraponto ao obscurantismo a que estavam submetidas outrora. Assuntos relacionados à sexualidade sempre foram vistos com muita cautela na escola. Desde formalizada sua inserção nesta instituição por meio do currículo, se deu o questionamento sobre os limites do público e do privado no que se refere ao sexo, o que tornou necessária uma série de ajustamentos para que este pudesse ser discutido no ambiente escolar. “As diferentes maneiras de não dizer, como são distribuídos os que podem e os que não podem falar, que tipo de discurso é autorizado ou que formas de discrição é exigida a uns e outros” (FOUCAULT 1976/1999, p. 30) são questões que estão em jogo quando se trata da sexualidade. Não é somente por meio dos conteúdos curriculares formais que a sexualidade permanece na escola, mas está presente em diversas práticas pedagógicas, assim como em vivências de socialização que ocorrem neste espaço. Contextos historicamente construídos e conjunturas sócio-políticas estão imbricadas nas relações, práticas e discursos institucionais em que se tecem relações de poder, configurando um espaço singular no qual estão inseridos alunas e alunos. As maneiras como a escola, a família e a sociedade lidam com determinadas questões

influenciam na construção de queixas escolares que desabroçam como se fossem unicamente do sujeito que a veicula, mas no entanto são reveladoras de determinado contexto social e escolar. Assim, a sexualidade e, indissociadamente a esta, as relações de gênero, estão presentes nas diversas dimensões do cotidiano, e têm interfaces pedagógicas e psíquicas relacionadas à produção de queixas escolares. Nessa perspectiva, o sexo biológico (ou o corpo concreto) é apenas a definição das características corporais primárias e secundárias. Não são negadas as diferenças biológicas entre mulheres e homens, apenas consideram nas uma condição, e não uma limitação aos papéis sociais a serem desempenhados. Logo, gênero é uma categoria relacional, fruto de identificações subjetivas com determinado conjunto de papéis sociais, internalizados durante a vida, com significados de caráter histórico e social. Nessa perspectiva, a sexualidade pode ser compreendida como a expressão de sentimentos, desejos e prazeres, interpelados aos significados intersubjetivos que os sujeitos estabelecem a estes. Já as abordagens essencialistas consideram o sexo biológico como determinante do sujeito, ou seja, acreditam que as características relacionadas ao comportamento feminino/masculino e a sexualidade são definidas pelo sexo anatômico e combinam-se com este de maneira imutável. Uma compreensão essencialista do sexo “procura explicar os indivíduos como produtos automáticos de impulsos internos” (WEEKS, 1999, p. 40). Nessa perspectiva, o sujeito que não cumpre o que é suposto determinado biologicamente, é, então, compreendido como desviante ao que seria natural. Das práticas pedagógicas curriculares, observa-se que normalmente a discussão acerca da sexualidade na escola se restringe a aulas específicas, de biologia ou educação sexual, e é abordada de maneira essencialista, focalizando a anatomia dos corpos de mulheres e homens. A prevenção de doenças sexualmente transmissíveis nas práticas heterossexuais e a reprodução humana são os principais temas, frequentemente ignorando outras dimensões da sexualidade, como o desejo e o prazer. Geralmente cinde-se a sexualidade dos aspectos práticos da vida e adequa-se a linguagem, conferindo à abordagem um formato cientificista.

Do mesmo modo, as diversas formas de expressar feminilidades e masculinidades precisam ser reconhecidas. A escola pode ser um dos lugares de alternativa ao modelo tradicional das relações de gênero, construindo e legitimando diversas possibilidades de vivência de gênero já desde a Educação Infantil, e assim contribuir para a promoção da liberdade e da diversidade nos âmbitos sexuais e de gênero, tanto no que se refere ao desenvolvimento individual quanto à formação para criticidade e transformação social. Demarcações de gênero não ocorrem somente na escola, mas também em outros espaços, como exemplo, na clínica, em que o psicólogo normalmente é tendencioso nas escolhas de brinquedos e materiais levados às sessões. Em tais circunstâncias, o profissional precisa estar atento aos limites do que está produzindo: um espaço de acolhimento, na tentativa de produzir um ambiente confortável à criança atendida que provavelmente já internalizou determinadas exigências de gênero do meio; e/ou uma situação que acaba operando

como coerção/ajustamento de gênero. As representações das relações de gênero e da sexualidade em nossa cultura interceptam a escola enquanto instituição, constituindo uma significação característica sobre gênero e sexualidade no contexto institucional escolar. Assim, a escola tem uma história com o controle dos corpos e a sexualidade que precisa ser levada em conta em suas interfaces sociais e políticas, para a análise no que tange as queixas escolares. A aluna e o aluno também têm uma história escolar, produzida na intercepção com os diversos funcionamentos institucionais. Ainda, ocupam lugares específicos e tecem relações singulares que se estabelecem no contexto da queixa em questão, produzindo situações únicas. A queixa escolar emerge, então, em determinado contexto, e é possível que haja uma dimensão no âmbito da sexualidade e do gênero a ser compreendida. Assim, ao compreender as dimensões individuais, sociais e políticas da queixa, o psicólogo pode atuar no sentido de fortalecer as potencialidades do indivíduo e de sua rede de relações frente às situações adversas. Além disso, a clínica pode ser um lugar de acolhimento para a dor do preconceito e expressividade de identidades marginalizadas em outros espaços. Na instituição escolar, é importante e imprescindível que os profissionais da educação contribuam na discussão sobre homofobia e sexismo, preconceitos que, mesmo em suas manifestações mais sutis, têm sido relevantes nas histórias escolares de diversas crianças e jovens.

Solange Aparecida de Souza Monteiro

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
SABERES E DILEMAS SOBRE SEXO E SEXUALIDADE NA FORMAÇÃO DOCENTE	
<i>Solange Aparecida de Souza Monteiro</i>	
<i>Paulo Rennes Marçal Ribeiro</i>	
<i>Valquíria Nicola Bandeira</i>	
<i>Carlos Simão Coury Corrêa</i>	
<i>Andreza de Souza Fernandes</i>	
<i>Isabel Cristina Correa Cruz</i>	
<i>Fernando Sabchuk Moreira</i>	
<i>Ana Paula Sabchuk Fernandes</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0961906091</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>14</b>
A CONTRIBUIÇÃO DAS METODOLOGIAS ATIVAS PARA FORTALECER O DIÁLOGO COM OS ADOLESCENTES SOBRE A SEXUALIDADE	
<i>Betânia Maria de Oliveira Amorim</i>	
<i>Luiza Maria Alfredo</i>	
<i>Maria Renally Braga dos Santos</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0961906092</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>26</b>
“AQUELA FOTO EM QUE ESTOU DE DOUTORA”: MEMÓRIAS DE MULHERES SOBRE INFÂNCIA E ESCOLARIZAÇÃO NO MARANHÃO NAS DÉCADAS DE 1950/1960	
<i>Tatiane da Silva Sales</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0961906093</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>37</b>
A BRANQUITUDE COMO PRIVILÉGIO NOS MOVIMENTOS FEMINISTAS! O LUGAR DA MULHER BRANCA NA LUTA POR IGUALDADES RACIAIS E DE GÊNERO	
<i>Rafaela Mezzomo</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0961906094</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>48</b>
A INSTAURAÇÃO CÊNICA “CORPO LIVRE”	
<i>Tiago Herculano da Silva</i>	
<i>Nara Graça Salles</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0961906095</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>60</b>
A PARTICIPAÇÃO DE MULHERES EM CRIMES CONTRA O PATRIMÔNIO: ANÁLISE DE PROCESSOS CRIMINAIS	
<i>Valdemir Paiva</i>	
<i>Claudia Priori</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0961906096</b>	



**CAPÍTULO 7 ..... 70**

A PESSOA TRAVESTI E A/O PROFISSIONAL DE ENFERMAGEM: PERCEPÇÃO DE HUMANIZAÇÃO E DO RESPEITO À EXPRESSÃO E IDENTIDADE DE GÊNERO

*Carle Porcino*

*Cleuma Sueli Santos Suto*

*Dejeane de Oliveira Silva*

*José Andrade Almeida Junior*

*Maria Thereza Ávila Dantas Coelho*

*Jeane Freitas de Oliveira*

**DOI 10.22533/at.ed.0961906097**

**CAPÍTULO 8 ..... 85**

A PRÁTICA RECREATIVA DO *MOUNTAIN BIKE* NO INTERIOR DE MINAS GERAIS: LAZER, NATUREZA E DOMÍNIO DOS HOMENS

*Fabiana Duarte e Silva*

*Francielle Pereira Santos*

*Ludmila Nunes Mourão*

*Marília Martins Bandeira*

**DOI 10.22533/at.ed.0961906098**

**CAPÍTULO 9 ..... 95**

A SAÚDE DO HOMEM NA PERSPECTIVA DA SEXUALIDADE: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

*Alana Maiara Brito Bibiano*

*Janaína Paula Calheiros Pereira Sobral*

*Marília Martina Guanaany de Oliveira Tenório*

*Nívia Madja dos Santos*

*Roberto Firpo de Almeida Filho*

*Taíse Gama dos Santos*

**DOI 10.22533/at.ed.0961906099**

**CAPÍTULO 10 ..... 102**

AÇÕES DE PROMOÇÃO À SAÚDE DE UMA EQUIPE INTERDISCIPLINAR EM UM GRUPO DE HOMENS: O DESPERTAR PARA O AUTOCUIDADO

*Marília Martina Guanaany de Oliveira Tenório*

*Alana Maiara Brito Bibiano*

*Janaína Paula Calheiros Pereira Sobral*

*Roberto Firpo de Almeida Filho*

*Taíse Gama dos Santos*

**DOI 10.22533/at.ed.09619060910**

**CAPÍTULO 11 ..... 107**

NA FRONTEIRA ENTRE A FEMINILIDADE E A MASCULINIDADE: MULHERES E AS TENSÕES DOS PADRÕES DE GÊNERO NA FÍSICA

*Kariane Camargo Svarcz*

**DOI 10.22533/at.ed.09619060911**

**CAPÍTULO 12 ..... 119**

ECONOMIA SOLIDÁRIA: ECONOMIA DE MULHER?

*Maria Izabel Machado*

**DOI 10.22533/at.ed.09619060912**

<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>135</b>
EDUCAÇÃO E CINEMA: DEBATES SOBRE SUJEITOS SOCIAIS, FEMINISMOS E CONSTRUÇÃO DE MASCULINIDADES	
<i>Lucas Leal</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.09619060913</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>152</b>
E AGORA EDUCADOR/A? O WILLIAM PEGOU MINHA BONECA PARA BRINCAR!	
<i>Guilherme de Souza Vieira Alves</i>	
<i>Marcia Cristina Argenti Perez</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.09619060914</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>162</b>
ENTRE A ESCRAVIDÃO SEXUAL E O ESTUPRO: UMA ANÁLISE DA PROSTITUIÇÃO COMO INSTRUMENTO DA DOMINAÇÃO MASCULINA	
<i>Caroline dos Santos Coelho</i>	
<i>Alessandra Benedito</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.09619060915</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>171</b>
ESCOLA SEM PARTIDO E EDUCAÇÃO SEM CRITICIDADE: A QUEM SERVE?	
<i>Lana Cláudia Macedo da Silva</i>	
<i>Ana de Luanda Borges Braz da Silva</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.09619060916</b>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>178</b>
ESCRITAS DE SI E POLÍTICAS DE AGÊNCIA: ARTEVISMOS POÉTICOS DE MULHERES NEGRAS	
<i>Anni de Novais Carneiro</i>	
<i>Laila Andresa Cavalcante Rosa</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.09619060917</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>185</b>
EXPOSTAS À VIOLÊNCIA POR SEREM MULHERES E AMAREM DEMAIS	
<i>Paula Land Curi</i>	
<i>Jaqueline de Azevedo Fernandes Martins</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.09619060918</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>194</b>
EXPERIÊNCIAS DE CUIDADO VIVIDAS POR MULHERES ACOMPANHANTES DE DOENTES ONCOLÓGICOS	
<i>Eduardo da Silva</i>	
<i>Marlene Tamanini</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.09619060919</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>206</b>
FEMINILIDADE E CÂNCER DE MAMA: O QUE PODE A MULHER?	
<i>Aline Barrada de Assis</i>	
<i>Fabírcia Rodrigues Amorim Aride</i>	

DOI 10.22533/at.ed.09619060920

**CAPÍTULO 21 ..... 219**

GÊNERO E PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO NA ÁREA DE SERVIÇO SOCIAL

*Ângela Kaline da Silva Santos*

*Bernadete de Lourdes Figueiredo de Almeida*

*Lucicleide Cândido dos Santos*

DOI 10.22533/at.ed.09619060921

**CAPÍTULO 22 ..... 230**

NEGAÇÃO AO ACESSO AO ABORTO: PODER E VIOLÊNCIAS

*Ivana Maria Fortunato de Barros*

*Paula Land Curi*

*Jaqueline de Azevedo Fernandes Martins*

DOI 10.22533/at.ed.09619060922

**CAPÍTULO 23 ..... 242**

PRÁTICAS EDUCATIVAS FEMINISTAS COMO SUBSÍDIO AO ENFRENTAMENTO À CULTURA DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

*Ângela Maria Simão Ribeiro*

DOI 10.22533/at.ed.09619060923

**CAPÍTULO 24 ..... 252**

RELAÇÕES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: PERCEPÇÕES DE ESTAGIÁRIOS (AS) DO CURSO DE PEDAGOGIA

*Jussara Silva da Costa*

*Polena Valesca de Machado e Silva*

DOI 10.22533/at.ed.09619060924

**CAPÍTULO 25 ..... 264**

DISCUSSÕES ACERCA DO DISCURSO MIDIÁTICO CONTEMPORÂNEO: A FABRICAÇÃO DO CORPO MAGRO NA REVISTA ANAMARIA

*Suélem do Sacramento Costa de Moraes*

*Bárbara Hees Garré*

DOI 10.22533/at.ed.09619060925

**CAPÍTULO 26 ..... 271**

SEXUALIDADE E ESCOLA: O DESENVOLVIMENTO DA SEXUALIDADE INFANTIL A PARTIR DA PSICANÁLISE

*Jaqueline Tubin Fieira*

*Franciele Lorenzi*

*Giseli Monteiro Gagliotto*

DOI 10.22533/at.ed.09619060926

**CAPÍTULO 27 ..... 283**

NEM CAPRICHOS, NEM BELEZA: REFLEXÕES SOBRE ARTE E VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

*Francielen Leandro Apolinário*

*Evelly Paat Sampaio da Silva*

*Elisângela Martins*

DOI 10.22533/at.ed.09619060927

**CAPÍTULO 28 ..... 291**

PERCEPÇÕES DE ESTUDANTES DA EJA SOBRE O AUMENTO DA INFECÇÃO DO VÍRUS HIV

*Evaldo Batista Mariano Júnior*

*Maria Aparecida Augusto Satto Vilela*

*Valeska Guimarães Rezende da Cunha*

DOI 10.22533/at.ed.09619060928

**CAPÍTULO 29 ..... 311**

UM BREVE PERCURSO SOBRE A POSIÇÃO SOCIAL DA MULHER

*Libna Pires Gomes*

*Paula Land Curi*

*Ivana Maria Fortunato de Barros*

DOI 10.22533/at.ed.09619060929

**CAPÍTULO 30 ..... 321**

SUBJETIVIDADE LÉSBICA: A SUTILEZA LEGITIMADA PELO SILÊNCIO SOCIAL

*Mariluce Vieira Chaves*

DOI 10.22533/at.ed.09619060930

**CAPÍTULO 31 ..... 331**

VAMOS COMBINAR? ADOLESCÊNCIA, JUVENTUDE E DIREITOS SEXUAIS E REPRODUTIVOS – UMA EXPERIÊNCIA EM MANAUS

*Daniel Cerdeira de Souza*

*Tirza Almeida da Silva*

*Sônia Maria Lemos*

*Eduardo Jorge Sant'Ana Honorato*

DOI 10.22533/at.ed.09619060931

**CAPÍTULO 32 ..... 336**

A EDUCAÇÃO SEXUAL NO CONTEXTO BRASILEIRO, EM PAÍSES EUROPEUS, ASIÁTICOS E LATINO - AMERICANOS

*Solange Aparecida de Souza Monteiro*

*Paulo Rennes Marçal Ribeiro*

*Valquiria Nicola Bandeira*

*Carlos Simão Coury Corrêa*

*Andreza de Souza Fernandes*

*Carlos Simão Coury Corrêa*

*Isabel Cristina Correia Cruz*

*Fernando Sabchuk Moreira*

*Ana Paula Sabchuk*

DOI 10.22533/at.ed.09619060932

**CAPÍTULO 33 ..... 348**

VELHICE E SEXUALIDADE: UM ESTUDO SOBRE A SÉRIE “GRACE AND FRANKIE”

*Fabíola Calazans*

*Vanessa Santos de Freitas*

DOI 10.22533/at.ed.09619060933

<b>CAPÍTULO 34</b> .....	<b>360</b>
O MASCULINO E O FEMININO: DOS CONCEITOS FILOSÓFICOS AO CAPITALISMO FALOCÊNTRICO	
<i>Fabiana Nogueira Chaves</i>	
<i>Maurício Pimentel Homem de Bittencourt</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.09619060934</b>	
<b>CAPÍTULO 35</b> .....	<b>370</b>
GÊNERO E DIAGNÓSTICO EM SAÚDE MENTAL: QUE RELAÇÃO É ESSA?	
<i>Muriel Closs Boeff</i>	
<i>Tatiana Souza De Camargo</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.09619060935</b>	
<b>CAPÍTULO 36</b> .....	<b>376</b>
LILITH E EVA: AS DUAS MULHERES ANTAGONICAS NO SISTEMA RELIGIOSO	
<i>Bruno Schwabenland Ramos</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.09619060936</b>	
<b>CAPÍTULO 37</b> .....	<b>387</b>
O CORPO DO BRASIL NO JOGO DA VIDA	
<i>Lucia Maria Felipe Alves</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.09619060937</b>	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA</b> .....	<b>401</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>402</b>



## O MASCULINO E O FEMININO: DOS CONCEITOS FILOSÓFICOS AO CAPITALISMO FALOCÊNTRICO

**Fabiana Nogueira Chaves**

**Maurício Pimentel Homem de Bittencourt**

**RESUMO:** Este artigo busca compreender como funciona a estrutura falocêntrica do capitalismo por meio do estudo de conceitos filosóficos como o masculino e o feminino, passando pela análise de diversos autores de diferentes escolas filosóficas. O trabalho busca detectar algumas das formas de como funciona hoje, a extirpação do feminino e de como a sociedade capitalista dilui as diferenças entre os gêneros para tentar uma superfície mais feminilizada, a fim de manter uma estrutura masculina, transformando a sedução (feminino) em sexualidade pura (masculino). Para isto tornam-se imprescindíveis questionamentos sobre as novas formas de comunicação na sociedade contemporânea.

**PALAVRAS-CHAVE:** Masculino; Feminino; Capitalismo Falocêntrico; Comunicação.

### THE MALE AND THE FEMININE: FROM PHILOSOPHICAL CONCEPTS TO FALOCENTRIC CAPITALISM

**ABSTRACT:** This article tries to understand how the phallogocentric structure of capitalism works through the study of philosophical concepts such as masculine and feminine, passing through

the analysis of several authors from different philosophical schools. The work seeks to detect some of the ways it works today, the extirpation of the feminine, and how capitalist society dilutes the differences between the genres to try a more feminized surface, in order to maintain a masculine structure, transforming the seduction (feminine) in pure sexuality (male). For this, they become essential questions about the new forms of communication in contemporary society.

**KEYWORDS:** Male; Female; Falocentric Capitalism; Communication.

As clínicas de cirurgia plástica proliferam em todos os lugares do mundo, é impressionante o aumento do número de *fun pages* e sites que prometem dietas milagrosas, existem programas de televisão inteiramente dedicados a “remodelar” os corpos dentro de um padrão midiático de beleza, e, a cada dia, mais as academias lotam. Nas academias, corpos plásticos. Inventam-se todos os tipos de serviços para agradar aos mais diversos públicos, todos prometendo perfeição e saúde enquanto ressaltam características fora do padrão como defeitos. Nunca se viu uma proliferação tão grande de produtos que envolvem o mercado da beleza. O número de *youtubers* com tutoriais de maquiagem e

propagandas de produtos para esconder rostos reais crescem exorbitantemente e o número de seguidores cresce mais ainda a cada dia. O público alvo para estes produtos e serviços: mulheres.

São as mulheres os principais alvos da indústria cosmética, da indústria do *fitness*, das clínicas de cirurgia plástica e dos inúmeros serviços estéticos. São elas que precisam estar bonitas para, supostamente, seduzir. São elas as que mais precisam ficar com o corpo sequinho e rosto lisinho, ou seja, que precisam se encaixar em um padrão de beleza ditado pela indústria e pela mídia, a fim de produzirem uma sedução também ditada pela mesma indústria e pela mesma mídia. Rostos reais são considerados feios, devem ser cobertos com camadas e mais camadas de maquiagem. Envelhecer é proibitivo. Corpos reais devem ser embalsamados em cintas que comprimem a mulher ao ponto de dificultar sua respiração. Calcinha com enchimento para glúteos, sutiã com enchimento para os seios. Os padrões estéticos nunca foram tão rigorosos, tão milimétricos, e a indústria nunca lucrou tanto com isso. E não são somente os padrões corpóreos, a moda dita incessantemente novos padrões. A moda também está padronizada, padronizada para vestir mulheres magras como objeto sexualmente desejáveis.

Dessa maneira, discutir filosoficamente características do feminino e do masculino, bem como avaliar o pensamento de alguns filósofos, nos ajuda a teorizar de forma mais assertiva sobre conceitos de gênero e sobre a mulher na atualidade. Não buscando o sentido estrito de cada conceito, tendo em vistas que não existe uma unidade de pensamento sobre o tema, mas sim relacionando a diversidade de ideias com situações visíveis em nossa sociedade do consumo, da falsa comunicação e da indústria cultural. Relacionar filosoficamente conceitos como masculino, feminino, sedução, sexualidade, sem nenhuma dúvida, nos ajuda a compreender a estrutura social na qual vivemos e nos relacionamos, levando sempre a novos questionamentos e a produção de novos conhecimentos.

É importante ressaltar que este artigo trabalha com conceitos filosóficos de masculino e feminino, os quais podem ser, em alguns pontos, aplicáveis a relações sociais, em outros apenas contribuem para enriquecer os questionamentos, é preciso pensar para além do homem e da mulher como seres sociais, porém nunca deixando as questões sociais de lado.

## **O FEMININO, O MASCULINO E A COMUNICAÇÃO**

Mulheres e homens, apesar de seres humanos com direitos iguais, sentem e percebem o mundo de formas diferentes. Assim, a incomunicabilidade entre os gêneros se torna ainda mais acentuada do que a já existente entre seres do mesmo sexo. Segundo Filho a questão da incomunicabilidade se coloca em grande escala na sociedade da comunicação e se coloca como entrave nos processos comunicativos e também nas relações sociais.

Em verdade, a sociedade da comunicação é uma sociedade em que a comunicação real vai ficando cada vez mais rara, remota, difícil e vive-se na ilusão da comunicação, na encenação de uma comunicação que, de fato, jamais se realiza em sua plenitude. As pessoas inventam, vendem usam todas as máquinas possíveis para se comunicar exatamente porque mal conseguem transmitir ao outro qualquer coisa, mal conseguem sentir junto com esse outro as coisas que ela ou ele sentem. (FILHO, 2007, p. 8)

Segundo o autor a dificuldade de comunicação se instaura entre todos os seres humanos, mas a diferença entre gêneros se coloca como uma barreira a mais para a comunicação. Neste trabalho conceitua-se comunicação como alteridade, possibilidade de comunicação pela diferença; não como transferência de informação, mas como acontecimento no silêncio, no sentido adotado por Lévinas (2005). Para Levinás a relação “Eu-Tu”, encarnada na figura do rosto, seria a condição fundamental para a comunicação. Comunicação entendida como proximidade ética, como uma comunicação que se origina na sensibilidade. Para o autor a alteridade é feminina.

Tendo em vista essa dificuldade de comunicação entre os seres humanos, e, ainda mais aflorada entre gêneros diferentes, pode-se começar a buscar entendimento de o porquê da dificuldade de as mulheres se enquadrarem nos padrões sociais atuais, pois estes seriam padrões maquínicos, regidos pela máxima da competitividade e produtividade, características opostas a alteridade. Características masculinas que produzem uma sociedade do capitalismo falocêntrico.

São padrões masculinos aos quais não pertencem, portanto acabam por terem que se reinventar dentro de uma lógica que rompe com o universo do simbólico e do sensível. Para Baudrillard (2001) o feminino situa-se no campo do sortilégio, do incapturável, do sensível. E isso não somente no sentido de mulher como gênero, mas também no sentido de feminino como uma energia. É interessante pensar nos conceitos de sedução e de sexualidade definidos por pelo autor. Para ele a contemporaneidade confunde a sedução com a sexualidade pura, dentro de uma lógica de pensamento, que é ditada pelo masculino. Para ele a sedução seria feminina, enquanto a sexualidade seria masculina, e, atualmente, a sexualidade estaria englobando a sedução.

Nietzsche foi um dos primeiros filósofos modernos a dedicar grande parte de seu trabalho a questões ligadas a mulher, ao feminino e ao masculino. Muito especulou-se sobre as questões pessoais e relacionamentos do autor terem influenciado sua filosofia. Mas, de qualquer forma, bastantes pensamentos foram instigados a partir de suas ideias, que propiciaram várias releituras e críticas à sua obra. Porém, pode-se dizer que, de forma estereotipada ou não, o autor trouxe à tona temas ainda pouco explorados. Para Nietzsche (2001) filosoficamente e conceitualmente, a mulher seria aparência. Uma não verdade encoberta por um véu, não possuindo profundidade. A verdade não existiria. A verdade seria mulher. Segundo o autor a mulher estaria

encoberta por vários véus, não poderia ser encontrada, pois se afasta. Vive em um eterno afastamento, sendo apenas superfície. A sedução é eterna, sem fim, pois se procura, assim como na verdade, uma essência que não existe, uma profundidade que não há. E, para Nietzsche, esse seria o grande trunfo das mulheres, seu maior privilégio perante o sexo oposto: ser apenas aparência, distância.

Quando um homem está exatamente bem no meio ao *seu* barulho, no meio da rebentação de lances e projetos, daí ele vê também seres silenciosos mágicos deslizando diante de si, cuja felicidade e recolhimento ele deseja, - são as mulheres. (...) A magia é o efeito mais poderoso das mulheres, é, para se falar a linguagem dos filósofos, um efeito à distância, uma *actio in distans*: disso faz parte, porém, e principalmente e acima de tudo – distância!” (NIETZSCHE, 2001, p 60)

Derrida, realizando releitura de Nietzsche, na obra *Eperóns*, afirma que:

A mulher talvez não seja qualquer coisa, a identidade determinável de uma figura que se anuncia à distância, à distância de outra coisa e da qual dever-se-ia se distanciar ou se aproximar. Talvez ela seja, como não-identidade, não figura, simulacro, o abismo da distância, do distanciamento da distância, o corte do espaço, a distância, ela mesma, se ainda se pode dizer, aquilo que é impossível, a distância ela própria. (...) A abertura afastada desta distância dá lugar à verdade da mulher e a mulher se distancia dela mesma (DERRIDA, 1978, p.35)

Ao afirmar a mulher como simulacro, como distância, aparência e sortilégio, o autor reafirma, de certa forma, a aceitação da mulher como segundo sexo, como um não ator social, uma força maquiavélica. Podemos remeter este tipo de pensamento à construção do pensamento cristão ocidental sobre a mulher, onde Eva oferece a maçã a Adão. Podemos falar ainda na Inquisição católica da Idade Média, que colocava na fogueira mulheres que fugiam aos padrões sociais impostos por acreditarem representar uma grande ameaça à ordem social com suas capacidades de sedução e feitiçaria.

Pela obra desse e de outros renomados autores podemos perceber como a academia reproduzia (e ainda reproduz) preconceitos contra a mulher e o quanto as supostas discussões filosóficas sobre o feminino acabavam por encontrar ecos em pensamentos sociais reais sobre a mulher, buscando legitimar cientificamente e socialmente as opressões e deslegitimar qualquer discurso que visasse a igualdade de direitos. A mulher objeto de estudo e não autora, nunca em primeira pessoa.

Baudrillard (2001) tem uma leitura diferenciada da de Nietzsche sobre o tema, colocando homem e mulher dentro de um eterno jogo de sedução, fazendo uma separação entre mulher e feminino, tratando-os como forças filosóficas diferentes atuantes nos indivíduos de ambos os sexos em nossa sociedade. O autor parte do pressuposto que o feminino atua no campo do reversível enquanto o masculino seria o irreversível, mas sua leitura não os considera dentro de uma lógica dual. O autor apela contra a dualidade metafísica. Para ele o reversível não é o antagônico ao irreversível, mas sim o que o anula, o que lhe dá a energia para existir, que o desafia. O

feminino, para ele, é o reversível, o que desafia, é sedução; sedução, que para ele, é transversal aos sexos e nem sempre atua apenas no campo sexual ou relacional. “A sedução se situa no feminino por ser um “nada”, aquilo que “nunca se produz”, que está fora da ordem do “produzido” (BAUDRILLARD, 2001, p. 12).

Em relação à situação da mulher na contemporaneidade, podemos tomar a citação de Baudrillard sobre a sedução e seu abarcamento pela produção, o que seria um extermínio velado do feminino enquanto força filosófica social:

Cada vez mais, qualquer sedução, qualquer forma de sedução, que é um processo altamente ritualizado, apaga-se por trás do imperativo sexual naturalizado, por trás da realização imediata e imperativa do desejo. Nosso centro de gravidade efetivamente deslocou-se para uma economia libidinal que só deixa lugar a uma naturalização do desejo destinado à pulsão ou ao funcionamento maquínico, mas, sobretudo ao imaginário do recalque e da libertação. (...) Essa obrigação de liquidez, de fluxo, de circulação acelerada do psíquico, do sexual e dos corpos é a réplica exata do que rege o valor mercantil (...). É preciso que o capital circule, que não haja ponto fixo, que a cadeia dos investimentos e reinvestimentos seja incessante, que o valor se propague sem tréguas. ((BAUDRILLARD, 2001, p. 47).

Pode-se considerar que, hoje, as mulheres foram aparentemente libertas de um tipo de opressão para caírem em outra. Agora uma opressão velada, que não é somente social, mas que oprime o feminino em si. São oprimidas, escravizadas por padrões de beleza que não são características naturais do feminino, por padrões de feminilidade que são ditados por um mundo mercantil, um mundo falocêntrico ao qual ela não pertence, um mundo do qual ela não pode fazer parte: um mundo masculino.

A sociedade falocêntrica, por sua própria forma de “criar” os padrões afasta o reversível, reduz o campo do feminino a objeto: a mulher produto. Mais uma vez ela é relegada a condição de inessencial, de segundo sexo, de não ator social. Relegada a função de servir domesticamente e sexualmente esse mundo capitalista masculino, sendo-lhe negada sua construção ou transformação. O masculino mostra aqui ser caráter irreversível, mercado de trocas rápidas.

Ignácio de Castro (2004) desenha bem o quadro atual da sedução e do erotismo em nossa sociedade. Ele acredita que a sociedade capitalista vem dissolvendo as diferenças sexuais das mais diversas formas, vem criando um falso todo unissex. Mas esse topo unissex não se refere de nenhuma maneira a questão de gênero ou de orientação sexual, mas sim a questão da estrutura social para os relacionamentos e trocas. Para o autor, existe uma antipatia social para com a configuração da diferença de gêneros, enquanto isto é o que se deveria destacar: a heterogeneidade, a diferença. Para ele “A sociedade tecnológica tem relação direta com a repressão do ‘irracional’ e a dissolução do dois, a liquidação da relação entre opostos, do exterior íntimo que o outro sexo representa” (CASTRO, 2004, p. 31-32). É interessante avaliar, a partir dessa afirmação de Castro, o quanto essa dissolução da relação necessária e produtiva entre opostos pode estar ocorrendo devido à desvalorização sequenciada



de um desses polos opostos: a desvalorização do feminino. Essa desvalorização que busca um todo unissex, busca um todo unissex masculinizado, um todo mercantil, um todo falocêntrico, ao qual o feminino (ou mesmo a mulher) precisa se adequar, destruindo-se. Parece-se aceitar o feminino como diferente de igual valor, mas o diferenciar-se do padrão masculino já lhe imputa desvalorização. O diferente (outro) deve ser aniquilado e criado a semelhança de si mesmo, dentro dos padrões do “eu” falocêntrico.

O autor afirma ainda que “a forma com que a sociedade tecnológica desfaz a diferença, faz com se crie uma apatia erótica, que precisa ser socialmente compensada com aditivos” (CASTRO, 2004, p. 34). Podemos tomar como exemplo contemporâneo a proliferação em massa de *sexy shops* e os milhões gerados pela indústria da pornografia. Assim a sociedade se feminiza, suavizando-se, e de certa forma assexuando-se, mas isso ocorre ao mesmo tempo em que o padrão masculino continua a imperar por de baixo desta camada superficial, sustentando-a à sua estrutura. “A higiene e a correção da tecnologia de ponta estão a serviço de um poder de eficácia feminina e objetivos perfeitamente masculinos” (CASTRO, 2004, p.84). O poder sedutor, que aparenta ser feminino, tem um fim objetivo, sendo portanto energia masculina camuflada.

Alberoni (1987) - apesar de o autor demonstrar uma leitura muito menos filosófica do que sociológica – aponta para a forma como no campo erótico, os padrões masculinos se instalam sobre uma superfície aparentemente feminina. Quando o autor cita Nietzsche, dizendo que cada sexo vê o outro a partir de sua própria perspectiva, ele explana também sobre este ponto dentro da fantasia e do erotismo. Ele exemplifica que a literatura passional e erótica masculina tem como mulher ideal aquela que não faz cobranças, que não cria laços, mas que está sempre disponível. Uma mulher não humana, uma mulher objeto. Em suas fantasias, o homem prefere descartar o sentimento e as longas conquistas e partir diretamente para o anatômico, para o prazer. Ele fantasia situações em que “basta olhar que as mulheres se tornam nuas e disponíveis.” (ALBERONI, 1987, p.13). Esta forma de pensar inerente a fantasia masculina demonstraria que o homem espera que a mulher seja dotada dos mesmos impulsos e valores que ele. É a visão do homem que enxerga a mulher por suas próprias perspectivas. A alteridade não existe no jogo masculino de reificação da mulher.

Se considerarmos a visão mais sociológica de Francisco Alberoni e a relacionarmos aos apontamentos de Ignácio de Castro de que a sociedade finge uma aparência feminina para na verdade manter os padrões estruturais masculinos; e também com o que é apontado por Baudrillard, de a produção (masculina) tentar englobar tudo o que está fora do campo do produzível, englobar o que não é definível, o que é feminino; pode-se teorizar que o masculino predominante padroniza a sociedade. As estruturas masculinas determinam como e em que padrões o feminino deve se situar, determina a forma de sedução que as mulheres devem consumir,

determina a aparência para a rápida consecução do desejo, uma aparência que foge totalmente daquela que se situa no campo do feminino, que forja uma profundidade para, a partir dela, existir. O masculino defini o que é ser mulher.

Baudrillard (2001) trata um ponto crucial para o entendimento de o porquê a aparência para a sociedade contemporânea fugir ao campo da sedução: a questão do segredo. Para ele a aparência e a não essência do feminino se manifestariam nesse segredo, no velado; diferente do que acontece no englobamento da sedução pelo padrão masculino criado pela indústria e difundido em larga escala pela mídia. Nesta última, a aparência não se manifesta como segredo, não há um segredo velado, não há a busca pela profundidade mesmo que não existente, não há o eterno esconder. Portanto não há jogo.

Para o autor a sedução está no jogo, no campo do indefinível, no campo da regra, e não no campo da lei. Segundo ele a paixão se encontra no campo da regra, onde o prazer está em jogar com o outro dentro de regras pré-definidas. A transgressão se encontraria no campo da lei, que está muito mais ligada as normas sociais, àquilo que é imposto, e não no campo da regra. O prazer se encontra totalmente no jogo, pois quando o jogo termina, termina a sedução, não há mais nada. Acaba-se o segredo, descobre-se que não havia o que desvelar. O autor enaltece o segredo e a aparência pura, o jogo puro.

O segredo, intimamente ligado à sedução, está também intimamente ligado ao véu. O véu que Nietzsche descreve em *A Gaia Ciência*, é a aparência, o que esconderia uma profundidade, mas segundo o autor, quando retiramos todos os véus não encontramos nada, pois para Nietzsche a mulher age à distância. Quando Nietzsche afirma que a verdade é mulher, faz uma analogia à incapturabilidade da verdade. Da não existência de verdade, de ela estar sempre encoberta por um véu, de nunca poder ser alcançada por não existir objetivamente, ser apenas aparência, ser apenas sedução.

Considerando-se o papel da mulher e da feminilidade na sociedade contemporânea pode-se perceber que o que é chamado de feminino e o que é tido como característica típica da mulher, na verdade são estereótipos de gênero ditados pelo falocentrismo, pela produção, pelo masculino. O capitalismo que tudo engloba não poderia deixar de atingir o campo da sedução e transformá-la em sexualidade pura. Como afirma Baudrillard (2001) a produção precisa engolir tudo o que não é maquínico, controlar o que é imprevisibilidade.

Em *Da Sedução* o autor critica as feministas, afirma que elas se envergonham da sedução, que segundo ele, assim como considerava Nietzsche, seria o que daria primazia às mulheres no jogo. Mais uma vez um filósofo, do sexo masculino, confunde a luta por igualdade de direitos e pelo fim da objetificação da mulher com a extirpação de diferenças biológicas e psíquicas. Castro (2004) também faz críticas ao feminismo. Partindo de uma lógica preconceituosa, o coloca como ódio ao que não é histórico e procura legitimar preconceitos, estereotipando o movimento de mulheres e relegando

a luta por direitos iguais à inutilidade:

“Sob este prisma, o furor do feminismo majoritário a favor da equiparação estatística (assumido hoje por qualquer estrela da infâmia televisiva) parece prolongar o velho ódio, de origem masculina e ocidental, a todo ponto de fuga a - histórico que ontologicamente representa a mulher.” (CASTRO, 2004, p. 62)

É interessante notar que todos estes filósofos, mesmo quando explanam questões interessantes sobre os campos feminino e masculino, se aventuram a desqualificar e criticar o movimento e escritoras feministas sem ao menos citá-las em seus trabalhos, o que seria o mínimo para uma análise feita dentro da metodologia científica. Fala-se do outro (a mulher) a partir de uma postura egocêntrica. Usando um meta-conceito para avaliar estes autores, poderíamos dizer que procuram capturar o feminino e relegá-lo ao campo da irreversibilidade, procuram tratá-lo como aparência, de forma objetiva e mercantil.

A existencialista Simone de Beauvoir (1990) faz críticas ao machismo instaurado na sociedade e em toda sua obra identifica uma estrutura masculina ditadora de normas de padrões que submetem a mulher e o feminino. A autora, ao discorrer sobre alteridade e sobre a questão da diferença, critica a forma como são feitas as diferenciações entre homens e mulheres, pois sempre são feitas de acordo com o padrão masculino. O homem é o essencial, o completo, enquanto a mulher somente se diferencia em relação a ele. Ela é o inessencial. O homem é o sujeito absoluto, ela é o outro sempre. A autora fala ainda sobre a opressão da mulher para servir os desejos masculinos, feminizando ao gosto dos homens e transformando-se em objeto:

O objetivo das modas, às quais está escravizada, não é revelá-la como um indivíduo autônomo, mas ao contrário privá-la de sua transcendência para oferecê-la como uma presa aos desejos masculinos; não se procura servir seus projetos mas, ao contrário, entravá-los. (p. 296).

A autora (1990; 1995) traz ricas discussões sobre alteridade e muito do que é afirmado por ela funciona como um desenho de várias formas de opressão do feminino, servindo de respaldo para se perceber a forma como o feminino (não somente no sentido de gênero) está sendo expurgado da sociedade capitalista, não havendo liberdade para sua existência. Beauvoir (1995) afirmou “Não se nasce mulher, torna-se”. Essa máxima proferida pela autora, apesar de ter sido capturada anacronicamente por alguns autores e ativistas, mostra o quanto o tornar-se mulher é algo modelado dentro de um padrão que dita o que é ser mulher na sociedade. Ao nascer uma fêmea humana, por exemplo, ela é vestida de rosa e tem suas orelhas perfuradas para que seja diferenciada do sexo masculino. Ao homem a existência normal de um sujeito humano, a ela a mutilação para a diferenciação. Ela tem sua identidade traçada pelo homem. Ela é o outro.

Todo indivíduo que se preocupa em justificar sua existência a sente como uma necessidade indefinida de se transcender. Ora, o que define de maneira singular a situação da mulher é que, sendo, como todo ser humano, uma liberdade autônoma, descobre-se e escolhe-se num mundo em que os homens lhe impõem a condição do Outro. Pretende-se torná-la objeto, votá-la à imanência, porquanto sua transcendência será perpetuamente transcendida por outra consciência essencial e soberana. O drama da mulher é esse conflito entre a reivindicação fundamental de todo sujeito, que se põe sempre como o essencial, e as exigências de uma situação que a constitui como inessencial. Como pode realizar-se um ser humano dentro da condição feminina? (BEAUVOIR, 1995, p. 32).

Todos estes questionamentos apontados por Beauvoir encontram eco na questão da alteridade. Mesmo fazendo parte de escolas filosóficas distintas, todos os autores trabalhados nesse texto apontaram para uma aniquilação do feminino, sendo ele apenas um conceito filosófico ou ligado a questões sociais de gênero. A sociedade do capitalismo falocêntrico não tolera o que não o move e impõe sua lógica dura, maquínica e irreversível para compor identidades e papéis. A aparência é demasiadamente imporatente, mas não inspira a busca por profundidade, mesmo não havendo esta; não há procura por um segredo velado. A superfície, na sociedade contemporânea se basta. A lógica masculina, produtiva e capitalista extermina a atuação da sedução do feminino para transformá-las em sexualidade pura, em anatômico; mostra-se uma face feminina na sociedade, para, na verdade, manter as estruturas masculinas. Tudo o que é mistério e não pode ser controlado é expurgado. As diferenças entre o sexos são estereotipadas e o ser humano se vê dentro de um todo assexuado, um todo máquina que não pode parar, um todo onde não há jogo. Neste todo, todas as regras já se transformaram em leis, podem até ser transgredidas, o jogo é previsível e possui manual, se transformou em um teatro onde cada um ocupa seu papel, sabendo exatamente todas as suas posições e falas. Não se olha mais o outro, pois para a lógica mercantil não há outro.

Na sociedade contemporânea, a aparência sem finalidade maior, a aparência por aparência, que não forja uma essência, surge exatamente em resposta aos vacúlos de comunicação existentes. Na sociedade da informação, não há comunicação. Não se procura conhecer o outro, encontrá-lo em sua diferença. Não há mais a comunicação que se dá no silêncio.

Lévinas (2005) diz possível a comunicação apenas pelo rosto do outro, pelos olhos, pela percepção do outro no silêncio. Através deste outro, de sua total alteridade, de seu ser o que não posso ser, é que pode acontecer a comunicação, exatamente na diferença. A comunicação é a relação que o outro exerce sobre o um, que se opõe ao isolamento, que o introduz ao infinito, que acontece somente quando acolhe-se o outro. Este acolher, para Lévinas, seria feminino. Para Lévinas, a comunicação se completa somente no feminino. Comunicação é alteridade.

Se tudo o que é feminino e que está em seu campo vêm sendo expurgado pela sociedade capitalista falocêntrica, não é de se espantar que a sedução perca seu lugar

para a sexualidade, que a sociedade crie padrões masculinos para a feminilidade, que as mulheres sofram os mais diversos tipos de violência em nossa sociedade e, que por final, a comunicação dê lugar a informação. Cria-se aqui um círculo vicioso: uma sociedade que não se comunica e que, devido a isso, vai sendo aos poucos assimilada pelos moldes produtivos masculinos; e os moldes capitalistas em sua estrutura masculina interferem na capacidade social de se comunicar por fazer crer que a informação é comunicação. Interfaces tecnológicas portáteis dominam o cotidiano contemporâneo, vivemos inseridos nas mídias e nas redes sociais virtuais, mas não nos comunicamos. Este é o grande trunfo do sistema capitalista e de sua estrutura, não subtrair, mas sim transformar tudo que lhe foge em um substituto similar.

## REFERÊNCIAS

ALBERONI. Francisco. **O erotismo**. Rocco, 1987

BAUDRILLARD. Jean. **Da sedução**. São Paulo: Papirus, 2001.

BEAUVOIR. Simone. **O segundo sexo: fatos e mitos**. São Paulo: Difel, 1990.

BEAUVOIR. Simone. **O segundo sexo: A experiência vivida**. São Paulo, Difel, 1995.

CASTRO, Ignacio. **La sexualidad y su sombra**. Buenos Aires, Altamira, 2004.

DERRIDA, Jacques. **Éperons**. Les styles de Nietzsche. Paris: Flammarion, 1978.

FILHO. Ciro Marcondes. **Até que ponto, de fato, nos comunicamos?** São Paulo: Paulus, 2007.

FILHO. Ciro Marcondes. O Outro como um mistério e o feminino como a alteridade absoluta. Sobre a recuperação do face-a-face na comunicação em Emmanuel Lévinas. **MATRIZES**. VOL 1. N 1. P.55-73, 2007.

LÉVINAS, Emmanuel. **Entre Nós**. Ensaio sobre alteridade. Petrópolis-RJ: Vozes, 2005

NIETZSCHE. Frederich. **A Gaia Ciência** (tradução de Paulo César de Souza). São Paulo: Companhia das Letras, 1ª ed. 2001.



## **SOBRE A ORGANIZADORA**

**Solange Aparecida de Souza Monteiro** - Mestre em Processos de Ensino, Gestão e Inovação pela Universidade de Araraquara - UNIARA (2018). Possui graduação em Pedagogia pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupunga (1989). Possui Especialização em Metodologia do Ensino pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupunga (1992). Trabalha como pedagoga do Instituto Federal de São Paulo campus São Carlos (IFSP/ Câmpus Araraquara-SP). Participa dos núcleos: -Núcleo de Gêneros e Sexualidade do IFSP (NUGS); -Núcleo de Apoio às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNE). Desenvolve sua pesquisa acadêmica na área de Educação, Sexualidade e em História e Cultura Africana, Afro-brasileira e Indígena e/ou Relações Étnico-raciais. Participa do grupo de pesquisa - GESTELD- Grupo de Estudos em Educação, Sexualidade, Tecnologias, Linguagens e Discursos. Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/5670805010201977>

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Aborto 16, 19, 174, 230, 231, 232, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 320, 337, 338  
Amor 75, 98, 140, 177, 182, 185, 187, 189, 190, 192, 193, 201, 202, 204, 277, 278, 280, 313, 314, 318, 323, 326, 329, 339, 353, 354, 359, 380, 384, 385, 388, 390  
Arte 48, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 65, 137, 144, 146, 175, 219, 220, 228, 229, 241, 279, 283, 284, 285, 286, 289, 290, 309, 353, 388, 390, 395, 399

### B

Boneca 152, 153, 156, 159, 258, 262, 263

### C

Capitalismo Falocêntrico 360, 362, 368

Comunicação 2, 8, 12, 18, 19, 24, 63, 73, 98, 112, 131, 146, 156, 245, 246, 247, 265, 269, 275, 283, 308, 310, 343, 347, 348, 358, 359, 360, 361, 362, 368, 369

Construção Social 71, 99, 254, 255, 320, 371

Corpo 9, 11, 14, 25, 45, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 56, 57, 58, 59, 61, 67, 68, 71, 76, 78, 82, 84, 92, 93, 94, 97, 107, 115, 116, 118, 138, 145, 155, 160, 167, 168, 174, 182, 203, 205, 207, 208, 209, 210, 211, 214, 215, 216, 217, 218, 228, 232, 233, 234, 241, 259, 264, 265, 266, 268, 270, 272, 274, 275, 276, 277, 278, 279, 280, 281, 284, 285, 289, 293, 294, 295, 298, 301, 303, 307, 311, 313, 314, 315, 317, 318, 319, 320, 325, 327, 328, 329, 338, 348, 349, 350, 351, 352, 354, 356, 357, 358, 359, 361, 371, 373, 374, 387, 388, 389, 390, 391, 392, 393, 394, 395, 396, 397, 398, 399

### D

Diversidade Sexual 2, 22, 24, 174, 331, 332, 334, 335

### E

Educação 1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 16, 22, 23, 24, 25, 26, 28, 35, 44, 58, 63, 77, 85, 88, 89, 93, 94, 95, 97, 98, 99, 100, 101, 110, 115, 118, 135, 136, 137, 138, 140, 144, 146, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 160, 161, 163, 165, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 193, 202, 218, 222, 226, 227, 228, 229, 238, 242, 243, 244, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 262, 264, 265, 269, 271, 279, 281, 282, 291, 292, 293, 294, 298, 302, 303, 304, 305, 309, 310, 315, 316, 318, 335, 336, 337, 338, 339, 340, 341, 342, 343, 344, 345, 346, 347, 358, 370, 388, 391, 394, 398  
Enfermagem 70, 73, 74, 75, 76, 77, 80, 81, 82, 83, 84, 97, 101, 192, 198, 217, 218, 309, 310  
Escola 2, 4, 9, 12, 14, 15, 16, 17, 18, 22, 23, 24, 32, 33, 34, 51, 70, 81, 109, 136, 140, 145, 146, 147, 151, 154, 160, 161, 171, 172, 173, 175, 176, 177, 178, 201, 223, 249, 250, 252, 253, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 264, 272, 281, 282, 290, 291, 292, 293, 294, 297, 298, 299, 301, 302, 304, 305, 306, 309, 310, 318, 324, 339, 341, 345, 347, 388  
Ética 7, 10, 75, 81, 83, 84, 102, 199, 205, 218, 240, 272, 310, 313, 330, 337, 338, 341, 362, 382, 396

## F

Feminilidade 72, 78, 107, 112, 114, 115, 116, 144, 206, 208, 210, 212, 214, 216, 218, 252, 254, 255, 311, 317, 364, 366

Feminino 20, 24, 38, 40, 41, 45, 46, 62, 63, 64, 65, 66, 71, 72, 78, 79, 89, 99, 100, 104, 105, 115, 116, 117, 120, 121, 125, 126, 127, 129, 130, 133, 144, 149, 162, 170, 182, 188, 189, 191, 193, 195, 207, 208, 210, 215, 218, 221, 223, 225, 232, 233, 234, 237, 240, 241, 243, 245, 250, 253, 254, 255, 259, 267, 277, 279, 284, 285, 286, 288, 289, 292, 299, 311, 313, 314, 317, 318, 319, 320, 322, 325, 328, 331, 332, 334, 335, 360, 361, 362, 363, 364, 365, 366, 367, 368, 369, 374, 378, 379, 381, 383, 385, 387, 388, 389, 390, 393, 396, 397, 398

Feminismo 37, 38, 39, 40, 43, 44, 45, 46, 47, 83, 117, 118, 134, 136, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 146, 150, 165, 167, 170, 179, 184, 221, 222, 224, 225, 228, 323, 330, 366, 367

Formação docente 1, 2, 3, 4, 5, 6, 8, 9, 23, 135, 136, 139, 144, 145, 147, 148, 254, 256, 257, 258, 259, 260

## G

Gênero 11, 12, 15, 16, 17, 20, 22, 24, 25, 37, 38, 39, 40, 41, 43, 44, 45, 46, 47, 55, 59, 60, 62, 67, 68, 70, 71, 72, 73, 74, 77, 78, 80, 81, 82, 83, 85, 89, 93, 97, 98, 99, 101, 104, 107, 108, 109, 110, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 127, 129, 130, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 146, 149, 150, 151, 152, 153, 155, 159, 160, 171, 172, 173, 174, 176, 177, 178, 179, 181, 185, 187, 188, 189, 191, 192, 193, 194, 195, 200, 205, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 226, 227, 228, 231, 232, 235, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 263, 272, 283, 284, 285, 286, 287, 289, 290, 292, 295, 299, 305, 307, 311, 316, 320, 322, 328, 329, 330, 331, 332, 334, 335, 340, 341, 342, 343, 347, 350, 361, 362, 364, 366, 367, 368, 370, 371, 373, 374, 375, 376, 377, 383, 384, 387, 388, 389, 397, 399

## H

História da Educação 12

HIV 84, 100, 101, 198, 291, 292, 293, 294, 295, 296, 297, 298, 299, 300, 301, 302, 303, 304, 305, 306, 307, 308, 309, 310, 334, 335, 336, 340

Homofobia 143, 174, 228

Humanização em Saúde 70

## I

Identidade de gênero 55, 70, 71, 74, 77, 80, 81, 172, 221

Infância 4, 27, 31, 32, 33, 108, 109, 152, 153, 154, 155, 157, 159, 160, 161, 192, 203, 205, 249, 255, 256, 272, 273, 274, 281, 282, 324, 326, 332, 392

IST 96, 98, 99, 100, 101, 291, 293, 294, 295, 303, 305, 334, 335

## J

Juventude 67, 226, 295, 296, 331, 335, 349, 350, 351, 352, 358

## **L**

Ludicidade 152

## **M**

Masculinidade 90, 96, 99, 100, 101, 107, 114, 117, 144, 152, 250, 252, 254

Masculino 20, 36, 41, 63, 66, 68, 71, 89, 91, 96, 97, 99, 100, 101, 103, 104, 107, 109, 110, 114, 117, 128, 129, 130, 142, 143, 151, 152, 153, 159, 160, 162, 167, 169, 188, 189, 192, 193, 199, 223, 243, 250, 253, 254, 255, 259, 277, 279, 285, 288, 292, 299, 300, 318, 319, 322, 323, 328, 349, 360, 361, 362, 363, 364, 365, 366, 367, 378, 380, 382, 383, 387, 388, 389, 390, 392, 396, 397

Mulher 20, 30, 31, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 66, 67, 68, 72, 78, 79, 84, 91, 94, 96, 99, 110, 112, 115, 116, 117, 119, 127, 132, 134, 138, 140, 141, 142, 143, 144, 148, 155, 162, 163, 167, 168, 169, 170, 174, 178, 180, 181, 182, 185, 186, 187, 188, 189, 191, 192, 193, 206, 207, 208, 210, 211, 214, 215, 216, 217, 218, 223, 224, 225, 227, 228, 230, 232, 233, 235, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 253, 257, 263, 267, 278, 283, 284, 285, 286, 287, 288, 289, 290, 307, 311, 312, 313, 314, 315, 316, 317, 318, 319, 320, 324, 325, 326, 335, 348, 349, 356, 358, 361, 362, 363, 364, 365, 366, 367, 368, 370, 371, 373, 374, 376, 377, 378, 379, 380, 381, 382, 383, 384, 385, 386, 390, 391, 392, 393, 396, 397, 398

Mulheres Negras 37, 38, 39, 40, 41, 43, 44, 45, 46, 47, 137, 138, 139, 140, 143, 147, 150, 151, 179, 180, 182, 183, 309, 314

## **N**

Nudez 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 56, 57, 58, 59

## **P**

Pedagogia 3, 4, 12, 23, 24, 25, 161, 171, 175, 177, 242, 248, 249, 251, 252, 253, 254, 256, 257, 258, 259, 264, 265, 281, 282, 376

Pessoa travesti 70, 77

Poder 11, 18, 26, 27, 28, 32, 35, 40, 43, 45, 46, 47, 49, 61, 63, 68, 82, 100, 110, 114, 117, 124, 126, 128, 129, 132, 142, 143, 144, 150, 155, 161, 174, 176, 181, 182, 188, 189, 190, 191, 192, 227, 230, 232, 233, 235, 239, 240, 255, 264, 266, 268, 269, 270, 284, 285, 287, 290, 311, 312, 314, 316, 318, 319, 320, 323, 328, 329, 350, 354, 365, 366, 370, 371, 373, 374, 376, 377, 378, 379, 380, 381, 383, 384, 385, 387, 395

Psicologia 14, 25, 46, 84, 97, 161, 179, 182, 192, 205, 216, 217, 218, 226, 230, 282, 309, 310, 320, 347, 387, 389, 392, 399

## **R**

Racismo 37, 38, 39, 40, 41, 43, 44, 46, 135, 136, 137, 146, 151, 178, 342, 343

## **S**

Sexismo 37, 40, 41, 160, 178, 223

Sexo 1, 38, 40, 41, 61, 66, 68, 77, 83, 84, 91, 98, 101, 103, 104, 105, 108, 110, 118,

129, 130, 134, 143, 160, 164, 165, 167, 168, 169, 174, 185, 189, 223, 237, 240, 241, 250, 253, 257, 258, 259, 261, 262, 263, 272, 273, 277, 279, 287, 292, 293, 294, 299, 300, 304, 305, 306, 307, 308, 313, 315, 317, 318, 319, 320, 322, 329, 336, 342, 354, 357, 358, 361, 363, 364, 365, 366, 367, 369, 378, 379, 380, 382, 385, 388, 392, 393  
Sexualidade 1, 2, 7, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 21, 22, 23, 24, 25, 50, 58, 71, 73, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 141, 143, 144, 153, 155, 157, 160, 162, 163, 165, 167, 168, 169, 170, 171, 173, 174, 177, 208, 210, 218, 223, 225, 228, 232, 233, 249, 251, 259, 261, 270, 271, 272, 273, 274, 275, 276, 277, 279, 280, 281, 282, 291, 292, 293, 294, 298, 302, 303, 304, 307, 309, 310, 311, 314, 317, 318, 319, 320, 322, 324, 325, 328, 329, 330, 337, 338, 339, 340, 341, 344, 347, 348, 349, 350, 354, 356, 357, 358, 359, 360, 361, 362, 366, 368, 384, 393, 399

Subjetividade Lésbica 322, 325

## V

Velhice 84, 316, 348, 349, 351, 352, 354, 356, 357, 358, 359

Violência 9, 11, 21, 29, 37, 40, 60, 61, 63, 64, 65, 68, 70, 79, 80, 84, 89, 93, 132, 134, 163, 167, 168, 176, 177, 183, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 192, 193, 223, 226, 228, 230, 232, 237, 239, 240, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 282, 283, 284, 287, 289, 290, 302, 314, 319, 320, 322, 323, 325, 330, 335, 342, 343, 345, 368, 371, 374, 375, 376, 377, 382, 384, 391



Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-609-6

